RESENHA DO LIVRO

PROVA: UM MOMENTO PRIVILEGIADO DE ESTUDO (Vasco Pedro Moretto)

Maria Tanise Raphaelli Bosquerolli Antunes

Os rumos atuais da educação requerem instrumentos avaliativos que não sejam excludentes. É necessário dar um ressignificado às provas e utilizá-las sob uma nova perspectiva pedagógica. Vasco Pedro Moretto, em seu livro “Prova: um momento privilegiado de estudo – não um acerto de contas” (DP&A, 2005) aborda essa questão salientando a importância da avaliação no processo ensino-aprendizagem.

No primeiro capítulo, ele fala do sucesso de ensinar comparando o pseudo-sucesso com o real sucesso. No primeiro caso, o aluno tira uma boa nota porque memoriza os conteúdos, repete aquilo que o professor falou. No segundo caso, o professor atinge os objetivos de ensinar oportunizando aprendizagens significativas de conteúdos relevantes. Para que isso ocorra, em primeiramente, o professor tem que estabelecer os objetivos que deseja alcançar. Isso definirá as estratégias de ensino adequadas e possibilitará que o processo seja sistematicamente avaliado. Se o professor sabe o que deseja ensinar, certamente encontrará formas de fazê-lo. Com clareza de objetivos, o professor verificará a relevância dos conteúdos que será determinado por vários fatores, entre eles características psicossociais dos alunos, grau de desenvolvimento intelectual, aplicabilidade dos objetivos dos conhecimentos ensinados, a capacidade do aluno de estabelecer relações entre o conteúdo, as necessidades do dia-a-dia e o contexto cultural em que o aluno está inserido, assim, aprender significativamente é dar sentido à linguagem que usamos.

O autor reforça que a escola tradicional era conteudista, porém, a nova Lei de Diretrizes e Bases aponta novos rumos para a educação: desenvolvimento de competências em vários campos do saber, assunto de seu segundo capítulo: “ensino para competências”. Nele, é seguida a proposta de Philippe Perrenoud adaptando esse conceito: “competência é a capacidade do sujeito mobilizar

recursos (cognitivos) visando abordar uma situação complexa.” (p. 19) Nele, são relacionados três aspectos: “ser capaz de”, “mobilizar” e “recursos”.

Analisando primeiramente os recursos disponíveis para mobilização ao abordar uma situação complexa, temos:

- *Conteúdos específicos* – faz-se necessário o conhecimento do conteúdo. A escola tradicional abordava o conteúdo e depois criava uma situação em que ele pudesse ser usado. O ensino por competência busca estabelecer uma situação complexa a ser abordada e após escolhe os conteúdos que precisam ser conhecidos.
- *Habilidades e procedimentos* – saber fazer. Isso significa que o aluno estará sempre associando a uma ação, física ou mental, indicadora de uma capacidade adquirida. Verbos identificar, relacionar, correlacionar, aplicar, analisar, avaliar, manipular com destreza podem indicar a habilidade do sujeito em campos específicos.
- *Linguagens* – conhecer a linguagem específica lembrando que quem dá o sentido a linguagem é o contexto. Competência em certo campo não significa ter a linguagem apenas daquele campo específico mas, conhecer os vários sentidos que uma mesma palavra ou sentença possa ter em contextos diferentes.
- *Valores culturais* – elementos que estabelecem o contexto cultural da situação. Por exemplo, diante da cultura “quem não cola não sai da escola”, o professor tradicional pode se vangloriar reconhecendo que sua disciplina é realmente muito difícil e que para aprovar é preciso estudar muito. Então, dá muita matéria, passa muitos exercícios e elabora problemas complicados na prova, fazendo mais de uma por turma, colocando os alunos distantes uns dos outros e permanecendo em guarda para evitar que colem. O professor que ensina em busca de competências reagira de outra forma pois, para ele, a avaliação faz parte do processo da aprendizagem. Para isso, elaborar situações que levem

seu aluno a manifestar suas competências, dando oportunidades para consulta, ou fazendo prova em dupla, proporcionando a interação com o outro a fim de facilitar a aprendizagem e, aos poucos, os alunos passam a perceber novos valores culturais, encarando as provas como momentos privilegiados e não como acertos de contas.

- *Administração das emoções* – ajudar o aluno a administrar suas emoções onde ele sinta que junto com seu mundo intelectual o seu mundo emocional é envolvido e cresce continuamente. O professor também deve controlar suas emoções.

O professor competente

Conhece o conteúdo específico de sua disciplina

O professor competente deve conhecer o conteúdo sabendo identificar o que é essencial e estabelecer relações relevantes.

Tem habilidade no ensinar

Sabe administrar uma aula escolhendo estratégias adequadas aos alunos, considerando características psicossociais e cognitivas.

Identifica valores culturais ligados ao ensinar

Há uma cultura errônea onde a família transfere a educação de seus filhos exclusivamente para a escola e, cabe ao professor lidar com problemas decorrentes, de certa forma, desse pensar social, lidando com a indisciplina, falta de interesse, alienação, carência tanto afetiva como de falta de autoridade. Outro elemento que o professor enfrenta é a concorrência dos meios de comunicação e tecnologias.

Utiliza linguagem pertinente

Uma linguagem adequada permite ao professor facilitar a construção de relações significativas por parte do aluno.

Administra as emoções

Na sala de aula afloram continuamente as emoções dos alunos e professores. Sentimentos de empolgação, de rejeição, de medo, de indiferença, de amor, de ira, de culpa, entre outros, se misturam no processo interativo. O professor precisa ser capaz de lidar com esse mundo sem apelar para a punição ou autoritarismo mas, mesmo assim, estabelecer limites.

O professor competente no avaliar a aprendizagem

Sabe que a prova é um momento privilegiado de estudo e não um acerto de contas

O professor competente conhece diferentes instrumentos para avaliação e a melhor forma de utilizá-los.

Elabora bem as questões da prova

Ele sabe contextualizar de acordo com os objetivos estabelecidos.

Administra valores culturais ligados à avaliação

A própria cultura de que a hora da prova é a hora do acerto de contas levou muitos professores a utilizarem esse instrumento de avaliação como forma de controlar a disciplina e dominar os alunos rebeldes.

Utiliza linguagem clara e precisa para o comando das questões

Possivelmente esse recurso seja um dos fundamentais como indicador de competência do professor no que se refere à situação complexa de avaliar a aprendizagem.

Cria ambiente favorável ao controle das emoções

É comum alunos que ficam nervosos na hora de uma avaliação. O professor competente é aquele que dispõe de recursos capazes de criar condições para que o aluno se sinta tranquilo e sem estresse no momento da avaliação.

Aula: reflexo da epistemologia do professor, é o título do terceiro capítulo, onde é feito um paralelo entre as atitudes do professor tradicional e do que tem uma percepção construtivista sociointeracionista em consonância com a teoria de educação concebida por cada um deles.

Na epistemologia tradicional, o conhecimento é visto como uma descrição do mundo, ou seja, verdades da natureza ontológica, não dependendo do observador, pois estão relacionadas diretamente ao mundo dos objetos. O aluno aprende a descrever o que aprendeu, reproduzindo o mundo físico e social, do modo como o professor fez. Assim, o conhecimento é um conjunto de verdades de natureza ontológica em que o professor é o *transmissor* e o aluno é o *receptor* do conhecimento.

Na visão construtivista sociointeracionista o conhecimento não é uma descrição de mundo, mas uma representação que o sujeito faz do mundo em função de suas experiências na interação com ele, sendo uma construção individual, resultante do sujeito cognoscente, em sua interação com o mundo físico e social que o rodeia. Nesse contexto o professor é o mediador, facilitador e catalisador do processo da aprendizagem.

No quarto capítulo, *o processo de apropriação do conhecimento*, é feita a diferenciação entre “interiorizar” e “apropriar-se” de conhecimento. No primeiro caso, o indivíduo é capaz de repetir uma informação recebida, mesmo sem lhe dar muito significado. O termo “apropriar-se de um conhecimento”, é usado pelo autor para alguém que interiorizou uma informação, estabeleceu relações significativas com outros conhecimentos já elaborados ampliando e transformando sua estrutura conceitual, permitindo estabelecer novas relações à medida que faça novas experiências.

Ainda nessa concepção construtivista sociointeracionista, no quinto capítulo, é explicado como age o mediador atribuindo-lhe algumas características bastante precisas que se seguem:

Conhecendo psicossocial e cognitivamente seus alunos

Não é necessário que o professor conheça individualmente cada aluno mas, é importante que ele tenha uma visão do grupo para poder trabalhar valores, conceitos, linguagens e atitudes. Ter um conhecimento psicológico e cognitivo dos alunos propiciará ao professor adequar seu planejamento e suas estratégias de ensino conforme as necessidades da turma.

Definindo com clareza os objetivos de ensino

Um dos fatores importantes para o sucesso no ensinar é o professor estabelecer com clareza e precisão os objetivos de seu ensino.

Definindo com precisão os objetivos para a avaliação da aprendizagem

Parece obvio que o professor ensina para que o aluno aprenda mas, no momento da avaliação da aprendizagem, esta “obviedade” não se traduz na pratica. Muitos professores acham que a avaliação é feita para obrigar o aluno a estudar por isso não é informado dos detalhes da avaliação. O importante seria que o professor comunicasse ao aluno as questões que cairiam na prova, os objetivos de cada uma, o que não significaria dar” a questão e sim orientar o estudo dos alunos, lembrando que essa é a função primordial do mediador do processo aprendizagem.

Escolhendo estratégias adequadas na intervenção pedagógica

Da escolha das estratégias dependerá o sucesso da aprendizagem. O professor deverá ter em mente três variáveis ao escolher as estratégias, ou seja, é necessário conhecer-se, conhecer seus alunos e ter conhecimento da disciplina. É preciso que ele saiba de suas potencialidades e limitações para explorar seu potencial. Igualmente, as estratégias de ensino precisam respeitar as características psicossociais e cognitivas dos alunos.

Sabendo perguntar

Dominar a arte de perguntar é, talvez, uma das competências mais importantes do professor. Uma boa pergunta possibilita uma boa resposta. Através das perguntas o professor poderá perceber as concepções prévias dos alunos e encontrar as ancoras para o seu trabalho.

Sabendo ouvir para identificar o “repertorio discursivo” do aluno (linguagem)

Tão importante quanto saber perguntar é saber ouvir. É importante que o professor ouça as respostas dos alunos sob a ótica deles e não da sua. A pergunta que deveria ser mais frequente em sala de aula é “O que você quis dizer com isso?”

Atuando na “zona proximal do desenvolvimento” do aluno

O sujeito se desenvolve cognitivamente e socialmente assim, quando ele chega à escola o que ocorre é um ensino realizado dentro de um paradigma que favorece a acumulação de informações muitas vezes desconexas e que objetivam apenas responder questões de provas, pois não é incitado a estabelecer relações significativas no universo simbólico que lhe é apresentado.

No estudo das teorias de Vygotsky o nível de desenvolvimento real refere-se a tudo aquilo que a criança já tem consolidado em seu desenvolvimento, e que ela é capaz de realizar sozinha sem a interferência de um adulto ou de uma criança mais experiente. Já a “zona de desenvolvimento proximal” refere-se aos processos mentais que estão em construção na criança, ou que ainda não amadureceram. A “zona de desenvolvimento proximal” é, pois, um domínio psicológico em constantes transformações, aquilo que a criança é capaz de fazer com a ajuda de alguém hoje, ela conseguirá fazer sozinha amanhã.

As zonas não são perfeitamente definidas e o professor precisa ter a sensibilidade e a competência para perceber se os alunos têm potencial para aprender significativamente as questões propostas ou se eles estão apenas “decorando informações mecanicamente”. A atividade do mediador segue um grande princípio da perspectiva construtivista sociointeracionista, relacionado aos conceitos de ensinar e aprender. “Aprender é construir significados e ensinar é oportunizar esta construção”

O capítulo seis reforça a importância do papel da linguagem visto que a construção do conhecimento se processa por meio dela, lembrando que “a função fundamental da linguagem é ligar contextos” e, “quem dá sentido ao texto é o contexto”.

A ideia da linguagem utilizada no contexto precisa ser pensada para o caso das provas que os professores aplicam a seus alunos. Muitas vezes aparece nas provas a linguagem que tem sentido no “contexto do professor” e este pressupõe que o aluno entenda pois assistiu às aulas. A linguagem precisa ser

clara, contextualizada, para que o aluno saiba com bastante precisão o que se esta solicitando que ele responda.

A função social da escola é abordada no capítulo sete sendo que para o autor, do ponto de vista social, a escola tem que preparar o cidadão para sua inserção na sociedade. “Uma função social da escola: ajudar a formar gerentes de informações e não meros acumuladores de dados”.

O individuo quando nasce encontra uma realidade já construída, um conjunto de conhecimentos estabelecidos, estruturados, institucionalizados e legitimados por um determinado grupo social e ele precisa socializar-se, ou seja, dar significado ao universo simbólico de sua sociedade. Essa socialização se dá em duas etapas: primaria e secundaria. A primaria é o período em que o bebê e depois a criança, através da família, constroem a primeira representação subjetiva para iniciar sua vida em uma realidade objetivada pela sociedade de seu contexto. A secundaria, é o período em que o individuo se conscientiza da complexidade cada vez maior da realidade social em que esta inserido e aprende a analisá-la para compreender melhor o seu contexto.

O termo “ajudar” refere-se ao professor planejar sua intervenção pedagógica visando facilitar a aprendizagem. A relação professor-aluno deve ser de constante interação apoiada no processo dialético.

Dois aspectos são ressaltados: o primeiro é que a construção do conhecimento é um processo de negociação entre as partes, feita por meio da linguagem. O segundo, é que toda a síntese nada mais é do que uma nova tese. Assim, em determinado momento alguém propõe uma antítese, que precisará de nova síntese e assim sucessivamente. O processo constitui-se na formação continua do sujeito. O aluno quando chega em aula tem seu conhecimento prévio, que são suas teses. O professor apresenta novos conhecimentos, que muitas vezes são contrários às representações dos alunos, constituindo-se as antíteses. Num processo de dialogo, de interação, o aluno, possivelmente, modificará suas representações, chegando à síntese, que constituirá o objeto de conhecimento do sujeito para um determinado momento de sua evolução intelectual. Em contato com outro professor, colega ou outro agente social, o

aluno terá que modificar novamente sua representação, elaborando nova síntese. Esta é a dinâmica na visão construtivista sociointeracionista.

O papel dos conteúdos é tratado no capítulo oito. Para alguns, falar em conteúdos é lembrar-se da escola tradicional. Na controvérsia dos conteúdos, outros educadores caem no extremo oposto, minimizando a importância destes. A educação para competência parece buscar a síntese a esse respeito visto objetivar desenvolver a capacidade do aluno para abordar situações complexas. Para tanto o sujeito tem disponíveis os recursos necessários para a abordagem e um desses é o conjunto de conteúdos relacionados à situação a ser enfrentada. O ensino de conteúdos e o desenvolvimento de habilidades precisam ser concomitantes.

Os PCNs abordam os conteúdos em três tipos:

Conteúdos factuais e conceituais

São os conteúdos factuais são relativos a fatos, acontecimentos, situações, fenômenos socialmente construídos e diretamente observáveis e com caráter eminentemente descritivo.

Os conteúdos conceituais são aqueles que constituem o conjunto de conceitos e de definições relacionados aos saberes socialmente construídos.

Os conteúdos conceituais e factuais são fundamentais no processo da construção de representações significativas pelos alunos, desde que sejam estudados contextualizados e sua relevância identificada tanto por quem ensina como por quem aprende.

Conteúdos procedimentais

Segundo Antoni Zabala, conteúdo procedimental “é um conjunto de ações ordenadas e com um fim, quer dizer, dirigidas para a realização de um objetivo” . A escola tradicional deu maior ênfase para esses conteúdos, isto é, para as habilidades relacionadas aos conteúdos, tendo foco no saber fazer.

Conteúdos atitudinais

Quando se diz que a escola forma para a vida e exercício da cidadania, está intrínseco a ideia de formação para valores como respeito, solidariedade, responsabilidade, honestidade, etc. Nela está também o conceito de formação de atitudes, isto é, da predisposição do sujeito para atuar de certa maneira. Esses conteúdos não são trabalhados isoladamente, mas no contexto dos outros visto no processo de ensino.

Avaliar a aprendizagem tem sido um tema angustiante para professores e estressante para alunos. No nono capítulo, o autor explica o por que disso.

Os professores se angustiam porque não sabem como transformá-la num processo diferente da mera cobrança de conteúdos aprendidos mecanicamente e sem significado para o aluno.

Para os alunos, esse momento é de estresse pois representa “a hora do acerto de contas”, “a hora da verdade”, “a hora de dizer ao professor o que ele quer que eu saiba”, “a hora da tortura”.

Os pais também têm reações a respeito das provas. Se a nota do filho for boa, eles se dão por satisfeitos, pressupondo que a nota corresponda a aprendizagem equivalente, o que nem sempre é verdade.

Na perspectiva construtivista sociointeracionista, o aluno não é um simples acumulador de informação, ou seja, um receptor-repetidor. Ele é o construtor de seu conhecimento e ao professor cabe a mediação do processo onde o aluno estabelece a relação entre suas concepções prévias e o objeto de conhecimento proposto pela escola. Portanto, a construção do conhecimento se processa no interior do sujeito estimulado por condições exteriores criadas pelo professor, sendo este, um catalisador do processo de aprendizagem.

Em nossa cultura, o instrumento mais utilizado para avaliação é a prova. O autor, em lugar de apregoar os malefícios da prova, prefere seguir o princípio: “se tivermos que elaborar provas, que sejam bem feitas, atingindo seu real objetivo, que é verificar se houve aprendizagem significativa de conteúdos relevantes”. Para tanto, as perguntas devem ser claras e precisas. Deve ser observado o contexto do ensino e as questões devem ser o mais completas possíveis.

Eficácia e eficiência na avaliação da aprendizagem

A avaliação é eficaz quando o objetivo proposto pelo professor for alcançado. A eficiência está relacionada ao objetivo e ao processo desenvolvido para alcançá-lo.

Algumas características das provas na linha tradicional

- *Exploração exagerada da memorização*
- *Á Falta de parâmetros para correção*
- *Utilização de palavras de comando sem precisão de sentido no contexto*

Características das provas na perspectiva construtivista

- *Contextualização*
- *Parametrização*
- *Exploração da capacidade de leitura e escrita do aluno*
- *Preposição de questões operatórias e não apenas transcritórias*

Sob o aspecto da complexidade, o autor faz a interpretação dos estudos de Benjamim Bloom (BLOOM, 1971)

Na taxionomia de Bloom, o critério escolhido foi a *complexidade das operações mentais necessárias para alcançar determinados objetivos*. Os objetivos são propostos em diferentes níveis de complexidade: *(re)conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese, julgamento (avaliação)*.

(Re)conhecimento

Nesse nível a habilidade mental básica exigida é a identificação das propriedades fundamentais dos objetos de conhecimento.

Quanto à estrutura da questão, há um pequeno contexto ou simples enunciado. Há critérios de identificação e o comando da questão é claro e preciso. As palavras-chave para esse nível são: identifique, nomeie, assinale, cite, complete a lacuna, relacione as colunas, etc.

Compreensão

Neste nível há uma identificação de elementos que dão significado ao objeto de conhecimento. O enunciado é relativo ao objeto do conhecimento, há uma identificação de seu núcleo e há solicitação de descrição ou demonstração de compreensão. As palavras-chave são: explique, descreva, apresente características, dê o significado, etc.

Aplicação

Esse nível se caracteriza pela transposição da compreensão de um objeto de conhecimento, em caso específico. Há uma situação-problema, os parâmetros são claramente definidos e há uma sequência lógica a seguir. As palavras-chave são: resolva, determine, aplique, com base no texto, etc.

Análise

Analisar é uma operação mental que parte de um todo para a compreensão de suas partes. Nas questões, enuncia-se o “todo” a ser analisado, indicam parâmetros e explicita-se o objeto da análise.

As palavras-chave são: analise, examine os fatos, decomponha a sentença, etc.

Síntese

É a operação inversa à análise, ou seja, relacionam-se diversas partes para estabelecer as características de um “todo”. As questões têm uma apresentação ou indicação das partes e dos elos comuns entre elas. Solicita-se com precisão o objeto de chegada. As palavras-chave são: faça uma síntese, generalize, etc.

Julgamento (avaliação)

Este é o maior nível de complexidade. Nele há emissão de juízo de valor após análise e /ou síntese efetuadas. A correção de questões desse nível é feita pela coerência interna da argumentação no discurso. Não há julgamento do certo ou errado. Os enunciados são: julgue, justifique sua resposta, apresente argumentos, etc.